

Revista Linguagem: A Comunicação de Ideias das Mais Diversas Formas¹

Ana Luiza SALLES²
Valquíria Michela JOHN³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A palavra “linguagem” possui o seguinte significado: linguística - qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. Ou seja, é a forma pela qual se comunica algo de um emissor para um receptor. Da mesma forma, procurando por “tradução”, encontramos: “versão de uma língua para outra; transposição de uma mensagem de uma forma gráfica para outra”. A revista produzida tem o nome de Linguagem, sendo que o produto aqui apresentado é a edição piloto da revista, intitulada Linguagem e Tradução, em que o tema central é a tradução, não somente no sentido de transformar algo de uma língua para a outra. A intenção é desmistificar e observar a tradução no meio artístico - onde surge o conceito de transcrição -, no meio jornalístico, na produção de conteúdo inclusivo, seja em Braille ou Libras, entre outros meios, e responder: como a tradução acontece nesses meios? O objetivo geral é apresentar o trabalho dos profissionais da tradução e de outros âmbitos que acabam exercendo o papel de tradutor, de forma a exemplificar como ele acontece em diversas áreas, como a da música, da poesia, da língua de sinais, entre outras, enquanto os objetivos específicos são: entender como é o processo de tradução de diversos tipos de conteúdo; apresentar os diferentes tipos de tradução, incluindo conteúdo que não é visto como tradução, mas que pode ser considerado como tal após breve análise; ampliar a discussão sobre tradução para fora do ambiente acadêmico, como forma de divulgação científica; exercitar a produção de revista, tanto impressa quanto online. Não há um consenso dentro do campo de atuação dos tradutores sobre o que é, resumidamente, traduzir: se deve ser um processo literal ou dinâmico, mas concordam que é um processo de equivalência entre um texto traduzido e seu original. Rodrigues (2000) traz a visão de vários autores para nos ajudar a entender a diferença entre os dois tipos de equivalência: a equivalência literal ou formal é somente uma correspondência entre as duas línguas envolvidas na tradução, ou seja, se traduz literalmente, palavra por palavra, de uma língua para outra; quanto à equivalência dinâmica, seria uma tradução preocupada com outros fatores, como o

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: sallesana99@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPR. email: vmichela@gmail.com

contexto do leitor, o contexto do texto original, as características dos personagens (quando houver) do texto original, e por aí vai. Em alguns casos, traduzir não tem como ser apenas a adaptação de uma língua para a outra, e acaba se tornando um processo de reescrita do texto original. É aí que entra a transcrição. A transcrição não é um conceito, mas um processo que se caracteriza pela crítica, criatividade e tradução (GESSNER, 2016, p.144 e p.160). Trata-se de uma re-interpretação e re-criação do conteúdo original, para que faça sentido e possa ser compreendido na língua alvo. Essa classificação surgiu com Haroldo de Campos, devido às limitações da tradução literal, podendo assim ressignificar o papel do tradutor em seu campo de atuação (NASCIMENTO et al, 2017, p.1855). Um dos casos que exige o uso desse tipo de tradução é a transformação de um produto audiovisual para qualquer língua de sinais. Não se trata apenas de traduzir o discurso de uma língua falada para uma língua de sinais; deve-se considerar que ambas possuem estruturas muito diferentes, e a tradução literal seria impossível e indesejável: “A dimensão oral de um signo linguístico não pode e nem deve ser tratada com equivalência em uma língua gesto-visual e, do contrário, a mesma coisa.” (NASCIMENTO et al, 2017, p.1858). Segundo Fabíola de Oliveira (2010), a história da divulgação científica acompanha de perto a história da imprensa pelo mundo. Desde o início da imprensa brasileira e com o surgimento da primeira revista no país, já havia uma preocupação em fazer divulgação científica. Esse tipo de publicação era feita apenas em revistas, já que elas apresentavam uma característica fundamental: a de mostrar ao público um conteúdo mais aprofundado e que demanda mais conhecimento para ser entendido pelo leitor (COSTA, 2007, p. 56-58). Porém, há um tipo de divulgação científica que exige mais especialização do que apenas publicar artigos tal como eles foram produzidos. A categoria denominada jornalismo científico surge em meados do século XVII com o início da circulação de cartas produzidas por cientistas acerca de suas descobertas e inovações. O jornalismo científico mistura a divulgação científica - ou seja, apresentar ao público leigo informações, descobertas, pesquisas, dados do mundo científico e acadêmico - com as técnicas e regras do jornalismo tradicional. Fabíola de Oliveira (2010) elenca algumas características desse tipo de jornalismo: atingir o grande público, uso de linguagem coloquial, simples, objetiva e atraente, uso de metalinguagem, entre outras. Da mesma forma que o jornalismo científico, o jornalismo cultural busca trazer de maneira

acessível e factual informações sobre o mundo da cultura no Brasil e no mundo. Produções sobre shows, artistas, produtos audiovisuais (filmes, séries, vídeos no geral), música, teatro, dança, poesia, arte nas suas mais variadas formas etc. Entre as funções do jornalismo cultural, Rose (2017) destaca: fomentar o potencial crítico de qualquer criação para que a sociedade seja capaz de compreender a sua significância, selecionar a informação sem levar em conta opiniões pessoais, contextualizar de forma adequada o fato cultural para que ele tenha notoriedade e desperte interesse da sociedade (p. 07-08). A produção da Revista Linguagem, em sua edição piloto - Linguagem e Tradução - traz um diálogo entre ambos os tipos de jornalismo: científico e cultural. Ao tratar do universo da tradução, da teoria à prática, a revista assume um caráter de divulgação científica, retirando o assunto de seu ambiente profissional e levando-o diretamente ao leitor de uma forma aprofundada, porém compreensível. Ao mesmo tempo, apresenta o caráter cultural ao falar sobre música, audiovisual, poesia (e transcrição) e até outras culturas. Quatro anos depois do surgimento da imprensa no Brasil, em 1808, temos o primeiro esboço do que chamamos hoje de revista, num país ainda dominado pelo analfabetismo. “As Variedades ou Ensaios de Literatura” ainda sofria com a censura do governo da época, que só foi abolida em 1821, junto com o monopólio da imprensa pelo governo (COSTA, 2007, p. 44). Naquela época, ainda não havia uma definição clara do que era a revista, mas havia pelo menos a noção de que os jornais lidavam com as notícias imediatas, acontecimentos importantes de se saber quando acontecem, e “às revistas, estariam reservadas a informação em profundidade, a análise, a crítica, o entretenimento” (COSTA, 2007, p. 55). Atualmente, já se tem uma noção mais ampla e definida do que é uma revista, na prática. “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (VILAS BOAS, 1996, p. 09). Marcelo Freire (2013) apresenta algumas das características do estilo das revistas impressas na época em que surgiram, ajudando a definir o modelo que vemos hoje nas bancas. O autor aponta que as revistas constroem uma relação com um público específico, trazendo leituras informais e mais rápidas do que se via nos livros da época, porém mais longas que as notícias do jornalismo diário. O conteúdo pode ser tanto informativo quanto de entretenimento e se mistura nas páginas das revistas com ilustrações e/ou fotografias. Freire comenta também que algumas

características do jornalismo em geral podem ser vistas nas revistas: “Credibilidade, veracidade, ética e clareza são pressupostos para a delimitação deste perfil de produção” (FREIRE, 2013, p. 32). O autor ainda destaca a possibilidade de se ler uma revista em qualquer lugar, em qualquer ordem de páginas, e de se colecionar os exemplares. A primeira edição da revista Linguagem tem o nome de Linguagem e Tradução, e a segunda edição Linguagem e Perspectiva. Quanto à periodicidade, a revista será lançada a cada três meses, já que será produzida por uma pessoa só e trará reportagens e produções mais aprofundadas. Cada edição terá entre 15 e 25 páginas, tudo dependerá do tamanho de cada reportagem. Para se manter produzindo, a revista contará com patrocínio e/ou sistema de captação de crowdfunding. A revista Linguagem será publicada online, para que sejam aproveitados os recursos disponíveis no ambiente digital, e contará também com versão impressa. Foram produzidas sete reportagens, uma entrevista ping-pong, um perfil e uma coluna de opinião, e as fontes foram escolhidas conforme o assunto. Foi priorizada durante a produção da revista a multiplicidade de vozes em relação às fontes, ou seja, foram escolhidas fontes não só profissionais no assunto, mas também pessoas que vivenciam os assuntos abordados em seu dia a dia. Outro detalhe importante é que foi priorizado o texto: há 13 imagens na revista, sendo que há reportagens sem fotos. Isso se deve ao fato de que, para inserir imagens, seria necessário cortar parte do texto em certas matérias, e, nestes casos, o texto foi considerado mais importante. A principal contribuição da revista Linguagem e Tradução é trazer o universo da tradução para mais perto dos leitores, um mundo que é, de certa forma, muito fechado e específico, em que somente os profissionais da área conseguem entrar.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; jornalismo cultural; revista; tradução; divulgação científica.

REFERÊNCIAS

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo: USP, 2007.

GESSNER, Ricardo. **Transcrição, transconceituação e poesia**. Cad. Trad., Florianópolis, v. 36, nº 2, p. 142-162, maio-agosto/2016.

NASCIMENTO, Vinícius; MARTINS, Vanessa R. O.; SEGALA, Rimar R. **Tradução, criação e poesia**: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú - SC – 16 a 18/06/2022

Língua Brasileira de Sinais (Libras). Domínios de Lingu@gem | Uberlândia | vol. 11, n. 5, p. 1850-1874 | Dez. 2017.

OLIVEIRA, Fabiola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

RODRIGUES, Cristina Carneiro; **Tradução e diferença** / Cristina Carneiro. - São Paulo: Editora UNESP, 2000. - (Coleção Prismas; PROPP).

ROSE, Angeli. **Jornalismo cultural**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista.** / Sérgio Vilas Boas. - São Paulo: Summus, 1996 - (Coleção novas buscas em comunicação; v. 52).